

iátrico JORNAL dos MÉDICOS

Encarte científico-cultural bimestral do Jornal do Conselho Regional de Medicina do Paraná

maio e junho de 2003 - n.º 5

Etiqueta

É um absurdo o uso desse antibiótico forte! Você está tomando remédios demais, vai se intoxicar! Esse médico tá louco de dar essa dose de cortinosa! Você vai ficar viciada com essas drogas! Isso faz perder a memória! Você é muito nova para tomar essas pílulas, não precisa disso! Se você continuar tomando essa droga nunca mais vai deixá-la! Frases de médicos. Mesmo levando-se em conta o desconto a ser dado às afirmações dos pacientes que, com freqüência, colocam médicos contra médicos, essas frases foram pinçadas daqueles que reproduziram o ambiente e a fala do profissional da mesma maneira e por mais de uma vez, o que confere certo grau de verossimilhança. A quem ajudaram? A ninguém. Só trouxeram insegurança aos pacientes. É impressionante como profissionais de saúde agem e erram fora de seus limites, comportando-se como leigos, emitindo meras impressões sem qualquer responsabilidade conceitual. Pior. É desapontador observar que emitem essas opiniões fora de contexto clínico, isto é, não se tornam responsáveis pela condução do caso, só semeiam a dúvida inconstante. Deviam estar atentos à locução latina: *sutor, ne supra crepidam*. Sapateiro, não acima da sandália. Que foi a respostas do pintor Apeles a um sapateiro que além de criticar a sandália pintada, achou de julgar o restante da tela. Ou seja, cada vez mais se infringe a etiqueta. Que nada tem a ver com talheres, e sim com boas maneiras. Etiqueta significa pequena ética. Deve ser usada para prevenir danos, não causá-los. Deve ser usada para trazer conforto social. Ninguém deve oferecer um jantar japonês a seus convidados sem saber antes se sabem manejar os pauzinhos. Isso evita uma saia justa, um desconforto social injustificado. Significa que levamos o outro em consideração, que o respeitamos. No trato social cada vez mais privamos com pessoas espaçosas, folgadas, que vão se permitindo liberdades não concebidas, que se apropriam do outro sem nenhuma cerimônia. O espírito de corpo da medicina não pode tolerar que isso ocorra entre colegas. Nossa profissão não serve apenas para curar, controlar e aliviar, o que já consiga grande nobreza; também deve ajudar as pessoas a viver melhor; deve, portanto, ser educativa, iluminar; no sentido de gerar possibilidades de entendimento dentro das circunstâncias limitadas de cada um de nós. Quem fala o que quer, produz o que não quer. Inclusive sua própria falta de credibilidade.



Do Caderno Verde

“(O) todo sem a parte, não é todo; a parte sem o todo não é parte; massa e parte faz o todo, sendo parte, não se diga que é parte, sendo o todo.”

– Gregório de Matos

Comentário: este fragmento é um hino à Clínica Médica, uma homenagem e um aviso a todos os médicos-residentes que se aventuram na medicina sistêmica, fazendo parte do dia-a-dia sabendo que é o todo.

Colaboradores

O convite partiu do presidente do CRM, que levou um “embaixador” ao encontro. Assentimos em fazer o que viria a ser chamado *Iátrico* por ser um período probatório de três edições após as quais, se desse certo, selaríamos um novo compromisso verbal. A resultante agradou e firmamos novo compromisso verbal por um ano – 6 edições –, em novo formato, após o que as partes poderiam desfazer o acordo. É o que está vigendo.

Desde o início a cooperação implicou em não interferên-

cia no conteúdo editorial. A nossa fórmula baseou-se em textos curtos, claros, se possível densos, e sempre verazes. Esta última palavra causa certa dúvida. O suplemento sendo mais cultural do que científico não pode exibir informações “precisas”, isto é, provadas, como em matéria exclusivamente científica, pois sempre carrega um subjetivismo necessário e inevitável. Ocorre, então, que esse veraz implica não em provas como as concebemos no meio científico, mas em referências culturais que tenha sido estabelecidas pela cultura de nosso povo ou que tenham abrangência universal, e que possam ser revisitadas, ampliadas, modificadas ou recriadas, ou seja, vistas sob novo enfoque. Como diriam os latinos, nada novo, mas diferente.

Agora o cerne. Da poesia às citações, do fragmento de informação às matérias mais extensas, tudo tem que ter o viés da medicina. Arte e ciência imbricadas. Ciência em medicina explica, repara ou cria, mas isolada pode tornar-se iatrogênica. Arte em medicina enaltece o fator humano, mas isolada pode desviar-se para a credence, mistificação ou que tais. Essencial que as duas se entrelacem para valorizar o que é do, ou para o, ser humano. É

o que pedimos aos nossos eventuais colaboradores. Como também temos uma pauta já estabelecida para as próximas edições, não podemos prometer em que edição venham a ser publicados. Mas nos sentimos gratificados em receber tantos livros de poesia, contos ou ensaios de colegas. Nunca imaginamos que nossa classe tivesse vó cultural tão elevado e, portanto, horizonte tão amplo.

Antologia

“Um cantinho e um violão.”

Tom, síntese da bossa, da simplicidade, do contato e do isolamento, de sentimentos misturados, do ócio com significado de ter tempo para criar e viver o sonho de existir. E se desdobrar no outro.

Pedras de Toque

Fragmentos de um roteiro interior

Música popular – *A song for you*, álbum *My World*, de Ray Charles. Como colocar com a voz tempero de especiarias em vez de melão numa balada. O álbum todo é precioso. Atente para a letra de Cynthia Weil em *None of us are free* (se um de nós está acorrentado; nenhum de nós é livre).

Música clássica – *Peer Gynt*, suítes nº 1 e 2. *Wedding Day at Troldhaugen London Philharmonic Orchestra*; Hans – Jurgen Walthers.

Poesia – Poema de sete Faces; Carlos Drummond de Andrade, farmacêutico de formação, funcionário público de ofício e gênio da poesia nas horas vagas.

Literatura – O erro de Descartes e o Mistério da Consciência, Antônio Damásio, Cia das Letras.

Cinema – Nunca te Vi, Sempre Te amei (84 Charing Cross Road). Para quem tem afeto por livros e pessoas. Anthony Hopkins e Anne Bancroft em atuações singulares.

Nota: A pedra do ourives que indica a qualidade do ouro é uma metáfora do antológico, daquilo que serve como referencial. A cada edição Iátrico escolherá algumas pedras de toque que podem muito bem alicerçar a cultura de acadêmicos e jovens médicos.

Toque de consciência

“Minha consciência tem milhares de vozes./
É cada vez me traz milhares de histórias.”
Shakespeare, Rei Ricardo II, Ato V.

Você tem medo da morte? Não se desespere. Não porque seja uma das duas coisas inevitáveis, a outra são impostos, e sim porque é essa mesma consciência que permite o prazer e a alegria, permite a alguns ouvir a nona de Beethoven e sentir a leveza alada ou perceber a música nos versos de seu poeta preferido. Consciência é uma nova maneira de observá-la e escutá-la. É isso que tenta fazer o neurologista português Antônio Damásio que chefia o departamento de Neurologia de Iowa, e que tem neste número seus livros indicados.

Em vez de olhar o comportamento e interpretá-lo, que é o usual, olhar a mente e pesquisá-la. Tentar buscar técnicas científicas que permitam explicá-la. Tarefa hercúlea e, talvez, inalcançável, daí o termo mistério, aquilo que desafia. Ciência é assim, sem limites, movida a curiosidade. Teoriza Damásio: temos duas consciências. Uma é nuclear, a dos animais, simples, que respeita apenas o aqui e agora. A outra é alargada, confere um sentido de passado e futuro, é portanto histórica e biográfica. Permite, por exemplo, que façamos previsões, sem o que não vivemos bem.

Nosso estágio de entendimento na matéria é inicial, até primário, nem mesmo sabemos quando começa a consciência nuclear. Lá pelos 18 ou 24 meses deve começar a consciência alargada, quando a memória da criança começa a fazer conexões biográficas com os pais e o meio.

Alguns primatas têm um arremedo de consciência alargada, certo grau de memória conectiva. Mas só o ser humano expandiu sua consciência e se capacitou a ter linguagem, inteligência e criatividade, que por sua parte expandem cada vez mais a mesma consciência. É o mundo das idéias, traduzidas em palavras, num carrossel ininterrupto e assombroso. Essa consciência propiciou aos homens algumas de suas criações mais nobres: além da linguagem, a música, a poesia, a ciência e a tecnologia e, principalmente, o código dos valores morais. Ou no dizer de Damásio: “a consciência é uma capacidade que permite a aquisição de todas as capacidades”. Leiam-no, e aproveitem! Estamos só no começo...

TRANSFERÊNCIA, DESEJO, FANTASIA, GESTO...

A idéia de consciência, como apresentada nesta edição – Toque de consciência –, está ainda em seu estágio primário, mas quem participou do primeiro campeonato jogando como craque foi o velho Freud (não reparem, é afetivo, passei boas horas lendo-o). Isto é, deu o primeiro passo em busca da natureza humana. Como todos nós, acertou e errou. Hoje, sob uma perspectiva digamos científica, mais errou do que acertou. Mas, convenhamos, é raro na paisagem intelectual encontrar alguém que não reconheça a existência do inconsciente ou que negue suas virtudes de grande escritor, capaz de influenciar toda a vida cultural, incluindo a invenção de uma linguagem.

No plano cultural temos a sensação de que suas idéias são nossas idéias, tal a introjeção de seus conceitos. Mesmo quem nunca fez psicanálise, ou não a conhece, usa, sem saber, sua linguagem. Não é pouca coisa. Ao disseminar a introspecção fez com que perdêssemos a inocência. Quem a mantém é alienado, não sabe operar na realidade.

Como o contato humano reflexivo é quase inexistente e, nossa cultura há a necessidade de intermediários que façam esse papel. É o caso do filme “Fale com Ela”, de Almodóvar, aqui apresentado na aguda análise de uma psicanalista.

O impossível entre homens e mulheres

Freud via as mulheres como enigmas de difícil resolução, não conseguia compreendê-las, comparava-as a um imenso continente africano, exótico, diferente, intangível.

Um dia, desanimado, perguntou-se: “O que quer uma mulher?” Questão à qual jamais logrou responder satisfatoriamente.

Almodóvar responde a essa questão no próprio título de seu último e extraordinário filme: “fale com ela”, diz Almodóvar a Freud, “fale com ela”.

Trata-se do último filme de Almodóvar. São quatro personagens paradigmáticos da paixão humana: dois homens e duas mulheres.

Um dos homens, cujo nome é Benigno, é enfermeiro e cuida com devoção absoluta primeiramente de sua mãe (que apenas aparece por uma fala no filme) e depois transfere esse zelo a uma jovem que fazia aula de dança em uma escola de balé em frente à sua casa e por quem se apaixona perdidamente. Essa jovem sofre um acidente gravíssimo e entra em coma, estado em que permanece por quatro anos. É onde encontramos Benigno.

O outro homem é um jornalista que fica vivamente interessado numa mulher que está sendo entrevistada na televisão. É uma toureira, que encarna com a maior beleza e dignidade a máscara da tragédia e da paixão. Essa mulher também entra em coma após um acidente gravíssimo na arena, onde se deixa atacar pelo touro bravo.

No início do filme, os dois homens que não se conhecem, estão lado a lado assistindo a uma apresentação de Pina Baush: duas mulheres tristíssimas, absolutamente solitárias, soltas e perdidas num palco/mundo mobiliado aleatoriamente de cadeiras, onde elas só não trombam pela ação desesperada de apenas um homem, igualmente triste e solitário que tenta abrir-lhes espaço. Mas trombam nas paredes, caem no chão...num movimento contínuo de...desesperança.

Pina Baush sabe pegar no âmagoo...

O jornalista se emociona, Benigno, o enfermeiro nota o vizinho.

Os dois homens reencontram-se tempos depois no hospital, Benigno cuidando da bailarina, em coma, o jornalista acompanhando a toureira, também em coma.

E vamos acompanhando cada vez mais fascinados o desdobrar do filme, o desdobrar da vida.

Almodóvar nos faz acompanhar por uma música maravilhosa, nos brinda com um Caetano Veloso no auge de sua sensibilidade e faz ressuscitar Elis Regina na alma da toureira.

E revela também, pela boca de Benigno, o desejo de toda mulher.

“A mulher precisa ser tocada, mimada, acariciada, você precisa falar com ela, ouvir seus segredos... fale com ela...”

No seu estado paradisíaco de indiferenciação sexual, na sua ingenuidade infantil, Benigno dedica-se de corpo e alma à adoração e aos cuidados daquela

mulher viva/morta. Mais do que isso, Benigno realiza um dos sonhos mais secretos da mulher: o de ter um homem que se dedique inteiramente a ela.

E essa linda mulher em coma, realiza um dos sonhos mais secretos do homem: o de ter uma mulher absolutamente à sua mercê. Fantasias do inconsciente mais profundo de cada um de nós, homens e mulheres, fantasias essas às quais não temos mais acesso, mas que continuam a fermentar em nossas almas.

Almodóvar, grande artista que é, ilustra magistralmente e com muito humor a fantasia sexual infantil fundante do homem: o de ser inteiramente engolido, engolfado pela Grande Vagina da Mulher. Fascinação e medo desse imenso buraco negro, misterioso (o grande continente africano) que pode aterrorizar o homem para o resto de sua vida, minando uma relação de confiança com a mulher. Tudo em maiúsculo, em contraste com a figura minúscula do minúsculo homúnculo.

Difícil, mais tarde na vida, o homem poder, de fato, entregar-se à mulher... Mas as coisas vão se complicando... assim como na vida...

As duas mulheres, em estado de coma profundo, parecem ser o paradigma do talvez absoluto e intransponível abismo entre o homem e a mulher. São dois mundos quase que radicalmente impossíveis um ao outro.

Quando a belíssima e trágica toureira se deixa matar, após ter reatado com seu grande amor, ficamos em estado de choque. Por que ela se deixou matar? Em cenas anteriores, ela flertava com a morte, ela desafiava a morte.

Lá, no entanto, era mais fácil compreender, pois estava separada de seu homem. A vida já não tinha valor algum em comparação com a perda de seu amor. Ela se deixa matar, porém, após o reatamento.

Só podemos compreender esse gesto como um ato de sacrifício ao amor.

Ela “sabia”, no mais recôndito de seu ser que amor algum vivido poderia corresponder ao profundo anseio de amor que sentia, realidade alguma poderia jamais corresponder à fantasia de gozo absoluto. Ela sabia que seu imenso e trágico amor estavam fadados ao insucesso, como os grandes e trágicos amores da literatura...e da vida...Romeu e sua Julieta, Tristão e sua Isolda, o louco Otelo com sua trágica Desdêmona... Só a também louca Suzane Louise não sabia disso...

O que Almodóvar nos conta é a grande história de amor impossível entre homens e mulheres, é o grande manual de decifração das mulheres, é a impossibilidade, a mais radical e absoluta, do encontro desejado, perene e permanente.

E é também uma ode à vida quando recoloca frente a frente um homem e uma mulher recomeçando uma vez mais e sempre, a recriação do mundo.

A vida chama, e o amor é a única e impossível saída.

Sylvia Loeb, psicanalista.

*texto extraído do site www.gradiva.com.br

Citações

O médico convive melhor com citações do que a maioria das pessoas. Para estas são quase sempre preciosismos que o sujeito lança mão para aparecer. Em uma cultura pouco letrada como a nossa chegam a ser ofensivas, quando na verdade deveriam ser utilizadas para dar melhor esclarecimento às idéias que estão sendo expressas ou discutidas. Como faz parte da vida intelectual do médico avaliar informações, conceitos, indícios ou provas, tem que recorrer a referências bibliográficas e ter formação científica para analisar material e métodos e referendar ou não as conclusões do(s) autor(es). Mas vive de autores e, logo, de citações. Assim mesmo, pesquisa feita pelo pessoal da *Mc Master*, publicada em 1981 no *Canadian Medical Association Journal*, e que listava os dez principais motivos por que os médicos liam revistas científicas, e portanto as citavam, colocava em primeiro lugar “para impressionar os outros”. Não adianta, é bíblico, tudo é vaidade.

De qualquer forma, na prática, a citação fez sentido quando é natural e explicativa, concorrente e orgânica. Um professor que esteja ministrando uma aula e que seja articulado, e tenha vocabulário extenso, vez ou outra expõe um vocábulo que não atinge a maioria. Se repararmos bem, na maioria das vezes, é a palavra mais apropriada e eufônica para dar sentido à idéia. Pois o bom professor tem algumas idéias básicas para expressar e improvisa o discurso em cima da pauta. Seria malvinda se fosse forçada, só para mostrar erudição. Quando isso ocorre, é como se o vocábulo fosse um elemento estranho no contexto, imediatamente rejeitado por quem acompanha o raciocínio, por ser extemporâneo. Ademais, há sempre a justificativa da necessidade de ampliarmos os horizontes de uma audiência ou dos leitores. As citações, quando pertinentes, serão sempre fascinantes. Invoco para dar fecho o saudoso J. G. Merquior, intelectual de primeira, e grande citador, que dizia: “se cito é por ali, se ali aprendi e, se confesso que preciso de aval ao que estou pensando e me socorro dos outros, é prova de humildade”. Táí, sem as três citações este texto não seria o mesmo.

Jaculatórias II

Jatos de idéias médicas para refletir e criticar à maneira de Baltasar Gracián

- Em um caso de câncer ou qualquer outra doença de prognóstico reservado o paciente tem todo o direito à verdade. Sem mentir, diga apenas toda a verdade que possa suportar.
- Médico deve entender e se fazer entender. Mas fuja dos pacientes sem caráter que tudo distorcem. Quem tem transtorno de personalidade não se deixa ajudar e cria tensões e processos. Só deve ser atendido pelo especialista.
- Médico sem conhecimento torna-se iatrogênico. Sem caráter, desagregador e destrutivo, como qualquer pessoa.
- Um mestre deve gerar curiosidade. E aos poucos se revelar.
- Terrorismo médico é o ato de se agravar um prognóstico para depois, com boa evolução, usufruir maior benefício, qualquer que seja. Não podemos esquecer que reassseguramento é o principal ato da prática médica.
- Nietzsche dizia que aquele que está maduro, perfeito, quer morrer. Sinta-se sempre inacabado para a infinda evolução da medicina.
- No filme comentado nesta edição, *Fale com Ela*, Benigno, o enfermeiro – o nome já encerra seu próprio paradoxo –, que mais traz e assume o papel de melhor conhecer e lidar com as mulheres, é o melhor com mulheres passivas, sem vida de relação, tão bom que ultrapassa o limite ético da transgressão, incorrendo em grave falta moral. Repete o Nietzsche da primeira frase acima.
- Aviso aos navegantes:
- Quando o médico-residente se aproxima do final do segundo ano de treinamento torna-se mais onipotente, resiste a receber conselhos, informações, referenciais, ou o que seja, se impermeabiliza às achegas de alguns instrutores. Isso pode escoar num crime de lesa-chefe. Superiores não gostam de ser afrontados. Gostam de ensinar, não de ser ensinados. Ademais, evolução pessoal constante só com humildade intelectual. Lembre-se que o sábio pode aprender com o tolo, e nunca o contrário.

Interagindo

Prezado Giútti,
Agradeço o amável fax. Respondendo a ti, respondo também a outros colegas que fizeram os mesmos reparos à edição nº 4 do Iátrico. Fernando Faro foi dito ser polêmico por ser uma espécie de Dalton Trevisan da medicina. Numa época de espetacularização, não gosta de aparecer. Se diz tímido, pouco se mistura à cena médica, o que às vezes pode parecer arrogância. Nada disso, é afável. E sempre sensível ao imbricamento da ciência com a arte. Mas não é de eufemismos, diz o que tem que dizer, assumindo com naturalidade e responsabilidade suas idéias. Como não vive financeiramente da profissão, tem outras fontes de recursos, achávamos que sua exposição não traria qualquer conotação mercantil. Por ser claro e coerente e avançado nas suas idéias, achávamos também que seria bem-vindo ao primeiro número do Iátrico como suplemento, agora mais visível, e que “mexeria” com os colegas em face da diversidade dos temas enfocados. Foi o que aconteceu. A entrevista que fizemos repercutiu favoravelmente atingindo os objetivos do conselho editorial. Estamos gratos pela tua minuciosa leitura e pelas reflexões pertinentes. (JM)

iátrico

JORNAL dos MÉDICOS

PALAVRAS de Mestre

Poesia

Perdas e mudanças, os fatores mais difíceis de lidar pelo ser humano. À capacidade de absorver esses impactos dá-se o nome de resiliência. Quem a tem, vive mais e melhor. O poeta húngaro Somlyó e sua tradução do desamparo da finitude da vida. Talvez ao ler este poema escrevesse Francisco Otaviano: Morrer... dormir... talvez sonhar... quem sabe?

Ataque Cardíaco

In memoriam Pilinszky

Dois mortos, dois comatosos,
Quando houver quem atenda o telefone
Quando os eletromagnetos completarem a ligação
Quando as sirenes das ambulâncias cruzarem o vidro da cidade
Quando aflorar na agulha a primeira gota de morfina
Quando se erguer o castelo-no-ar da tenda de oxigênio

Já nada além da solidão exposta num penhasco desolado
Já nada além do desamparo do deserto
Já nada além da sede de ar rachando o firmamento
Já nada além das pinturas rupestres do terror
Já nada além de Deus incapaz de socorrer.

Györy Somlyó.

Doença da Alma

Estou só.
Não há mais sentido,
Não há mais razão.
E o pior: não há mais emoção.

Está abafado. Não consigo respirar;
Será desânimo? Tristeza? Depressão?
Serotonina, noradrenalina ou emoção?
Qual a razão?

Misturo-me à multidão, aos amigos;
Mas continuo só.
Como pode, solidão?
Por que não se afasta de mim?

Amor não correspondido?
Falta de atenção?
Não sei não...
É grave, doutor.
Doença da alma.
Difícil solução.

Peter A. Cruz.

O intolerável aperto que vem de dentro buscado no visível. Sem sentido e, no entanto, plenamente sentido. O desalento e o medo do beco-sem-saída. Será a palavra? O fármaco? Os dois? Comitê celestial ou o tempo? Tantas as interrogações e tão concentrado o poema na sua circularidade opressiva. O poema não tem resposta, aposta.

J.M.

“O conhecimento pode ter suas serventias, mas adivinhar é sempre mais divertido do que saber.”

Auden sabia que adivinhar vem de divinare. Coopta o divino. Por isso, os sábios adivinham. Os conhecimentos são ferramentas para viver. A sabedoria nos dá razões para viver. O pesquisador adivinha... e, se possível, prova.

MEMES

- Palpitação associada a cardiopatia quase sempre se acompanha de arritmia ou taquicardia acentuada. Palpitação com ritmo regular e frequência cardíaca normal sugere **ansiedade**.
- Paciente em coma com cicatriz cervical não deixe de pensar em mixedema.
- A observação de calcificação em gânglios da base ou no cerebelo na tomografia computadorizada (TC) deve fazer lembrar hipoparatiroidismo; verifique na anamnese se não tem parestesias, tetania ou convulsões, o que reforçaria o diagnóstico.
- Enteropatia perdedora de proteína engloba condições que se acompanham de excessiva perda proteica gastrointestinal devido ao aumento da permeabilidade da mucosa à proteína, exsudação inflamatória, excessiva descamação celular ou extravasamento direto de linfa de linfáticos obstruídos.
- A suspeita dessa enteropatia ocorre em hipoalbuminêmicos sem hepatopatia, proteinúria ou déficit de ingesta proteica. O quadro clínico é o da hipoalbuminemia mais os sintomas/sinais da doença base.
- Acidose láctica é mais comum em diabéticos e leucêmicos.
- Paciente pancitopênico com esplenomegalia não deve ter anemia aplásica.
- Leucêmicos agudos apresentam pancitopenia em um quarto dos casos.
- Aspergilose broncopulmonar alérgica e fibrose cística são duas afecções que causam bronquiectasias. A tomografia computadorizada de alta resolução pode discriminar as duas. A fibrose cística tende a causar bronquiectasias difusas em lobos superiores enquanto que as bronquiectasias difusas em lobos superiores são mais específicas de aspergilose.
- A aspergilose deve ser considerada em todo o asmático resistente ao tratamento, em asma complicada por infiltrados evanescentes ao estudo radiológico dos pulmões, asma com eosinofilia – mias de 10% -, tampões mucosos acastanhados ou asma com hemoptise.
- Paciente com erupções eritematosas pré-tibiais pense em: eritema nodoso; necrobiose lipóidica (diabético tipo I) e mixedema pré-tibial (hipertiroidismo por graves).
- Placas eritemato-violáceas desamativas na superfície dorsal das mãos sobre as metacarpo falangeanas e interfalangeanas ou na superfície de extensão dos cotovelos e joelhos ou ainda no maléolo medial recebem o nome de sinal de Gottron.
Este sinal é patognomônico de dermatomiosite.
- Máculas ou placas de cor púrpura, cor ameixa, afunilam o diagnóstico: sarcoidose, dermatomiosite. Os nódulos do eritema nodoso também podem ter a mesma cor. Essas placas na região naso-labial são uma forma particular de sarcoidose chamada de lupus pérmio.
- Paciente amenorréica ou com redução de libido – sem estar usando medicação; ex: antidepressivos – deve ter requisitada uma dosagem de prolactina. Se aumentada, principalmente em 50 a 10 vezes do normal, pense em adenoma hipofisário.

O autor

O autor do encarte Iátrico, Dr. João Manuel Cardoso Martins, é Professor de Clínica Médica e Reumatologia da PUC-PR e membro da Academia Paranaense de Medicina. Também integra o Conselho Editorial do CRM e é autor da edição inaugural dos Cadernos do Conselho. Comentários críticos, sugestões ou colaborações devem ser enviadas para o endereço eletrônico do Jornal do CRM (jornal@crmp.org.br).